



Abstinência de coerência: o discurso por trás da campanha “Tudo tem seu tempo” do Governo Federal¹

Ana Flávia Mazzuco GUIDI²
Gutemberg Alves GERALDES JUNIOR³
Centro Universitário UNISATC, Criciúma, SC

Resumo

O objetivo dessa pesquisa é compreender de que forma a interdição discursiva se manifesta na campanha do Governo Federal de redução da gravidez precoce: “Tudo tem seu tempo”, que promove a abstinência e/ou postergação do início da vida sexual como métodos contraceptivos. Ao averiguar o discurso por trás da campanha e compreendê-lo nas suas linhas de formação, utiliza-se uma interpretação fundamentada nas teorias do filósofo Foucault (2014), permitindo o balizamento acerca das relações entre poder, saber e sexualidade. Dessa forma, é possível identificar a normalização de problemas sociais e estruturais como o racismo e o abandono paterno, além de culpabilização da mulher. Portanto, utiliza-se de uma política ineficaz que gera desconhecimento e, conseqüentemente, corrobora com o que tenta evitar.

Palavras-chave: Discurso; Poder; Interdição.

INTRODUÇÃO

A campanha tem como objetivo reduzir a taxa de gravidez na adolescência. Para essa ação publicitária, foi adotada uma abordagem comportamental, estimulando a reflexão sobre o início da vida sexual como método contraceptivo, um método reconhecidamente ineficaz pela comunidade científica, porém difundido no ambiente das religiões dogmáticas. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a existência de uma interdição discursiva na campanha “Tudo tem seu tempo”, e, para a obtenção disto, utiliza-se dos

¹ Trabalho apresentado no GT História da Publicidade e das Relações Públicas integrante do Alcar Sul 8 – 8º Encontro Regional Sul de História da Mídia

² Graduanda em Publicidade e Propaganda. E-mail: anaguidii@outlook.com

³ Doutor em Ciências da Linguagem (UNISUL); Coordenador e professor titular do curso de Publicidade e Propaganda (UNISATC). E-mail: gutemberg.geraldes@satc.edu.br



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

objetivos específicos: [1] conceituar discurso, [2] mapear seus procedimentos e [3] delimitar os elementos constitutivos de Poder. Isto posto, dirige-se a responder a seguinte pergunta problema: “De que forma a interdição discursiva se manifesta na campanha ‘Tudo tem seu tempo’?”. Para levar adiante este trabalho e aferir rigor científico, a mesma se classifica como um estudo de natureza básica. Permite, também, um caráter analítico e constitui-se como qualitativa. No que tange os procedimentos técnicos, se desenvolve a partir de pesquisa bibliográfica, além de estudo de caso do filme publicitário “tudo tem seu tempo”.

O DISCURSO COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DE PODER

A palavra “poder”, segundo Foucault (2018), é suscetível a levar uma série de mal-entendidos, como ser diretamente relacionado a um grupo de instituições e mecanismos, regras ou um sistema geral de dominação de um grupo sobre outro. Na sua tese, o autor defende que todas as relações pessoais são relações de poder, e o discurso (ato de falar, transmitir e articular ideias) é a forma em que se exerce poder sobre o outro, portanto, em todo discurso há poder. A partir disso, o autor passa a analisar os procedimentos externos que coordenam a prática do discurso, dentre eles, a **Interdição** que delimita “o que” pode ser dito, seja palavra, frase ou assunto.

Esses procedimentos fundamentados por Foucault (2014) funcionam como sistemas de exclusão, que tem seu modo de atuação pelo externo. Entretanto, o autor também cita procedimentos que atuam de modo interno, ou seja, há aqui uma movimentação que parte do discurso para a sociedade e não da sociedade para o discurso. Foucault (2014) denomina de **Comentário** o discurso que é feito atendendo a um primeiro, acentuando pontos que estavam articulados de forma inexistente, e **Disciplina** as regras e normas referentes a um campo do saber, doutrina ou ciência, às quais o discurso deve se adaptar para ser válido e ter credibilidade. O autor defende que a forma de detenção do poder também está atrelada à posse do saber (FOUCAULT, 1979), e assim torna-se possível exercer o poder mediante conhecimentos que lhe servem de ferramenta e justificação.



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

A partir disso, emergem quatro conjuntos estratégicos que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder sobre o sexo. Primeiramente, Foucault (2018), identifica a **Histerização do corpo da mulher**, que se relaciona diretamente com as condições de histeria, uma patologia integralmente saturada na sexualidade e intrínseca à mulher. O segundo dispositivo averiguado foi a **Pedagogização do sexo da criança**, ou seja, a criança é, então, vista como um ser sexual liminar, que deve ser posta sob mecanismos de vigilância e armadilhas para forçar confissões, sendo coagida a discursos corretivos. O terceiro conjunto foi denominado de **Socialização das condutas de procriação**, por meio de uma motivação política e econômica, houve a necessidade de intermédio através da incitação, ou freio, da fecundidade dos casais. Enfim, a **Psiquiatrização do poder perverso**. Mediante um discurso de verdade sobre o sexo, um certo comportamento foi normalizado e imposto, e aqueles que se desviavam da norma passavam a ser classificados de perversos.

Se a sexualidade foi concebida como domínio a conhecer, foi por ter sido apoiada nas relações de poder que a qualificaram como objeto possível, e, em compensação, se o poder pôde tomá-la como alvo, foi por ter sido possível desenvolver sobre ela através de técnicas de saber e procedimentos discursivos (FOUCAULT, 2018).

PERCEPÇÃO E ANÁLISE

Compreende-se que a composição do conceito principal da campanha, ou seja, a defesa da abstinência, viabiliza a implantação de dogmas religiosos como um sistema disciplinar. A hashtag “tudo tem seu tempo”, presente em todas as peças da campanha, carrega um discurso interdito que defende a abstinência como método contraceptivo, juntamente com a frase principal “Adolescência primeiro, gravidez depois”. Vale ressaltar que não há discordância no que tange a frase principal, entretanto, a postergação do início da vida sexual como método contraceptivo é provado ineficiente, conforme estudo publicado em fevereiro de 2019 no *Jornal Americano de Saúde Pública*, e



ISSN: 2448-3370

divulgado em uma reportagem do Jornal Nexo⁴. Fora desse embate estão, também, os números alarmantes de estupros sofridos por meninas menores de 14 anos, uma das principais causas da gravidez precoce, segundo diversos especialistas e estudos, como os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019).

O extenso interesse em defender a pauta de abstinência parte de uma patologização do sexo, a gravidez é apresentada como uma doença que deve ser evitada plenamente, ao invés de inseri-la no conceito de planejamento familiar. Identifica-se como uma interdição discursiva externa (FOUCAULT, 2014), que de tanto silenciar, cala. E, por conta disso, a vigilância torna-se um operador corretivo, atuando como engrenagem específica do poder disciplinar.

Através dos dados apresentados, juntamente com a conciliação das teorias de Foucault (2018), é possível analisar esta campanha como uma perpetuação de condutas moralistas por meio do que Foucault descreve como Comentário e Interdição. Utiliza-se dos conjuntos estratégicos pois relaciona a gravidez precoce como fomentadora da mulher histérica, e, também, como consequência da criança masturbadora. A preocupação da população malthusiana (FOUCAULT, 2018) motiva a hierarquização das gestações, elegendo àquelas que são mais dignas do cuidado do estado, e classifica os jovens que adotam esse percurso como perversos.

A primeira peça de divulgação da campanha é formada por uma mulher e um homem negro em destaque, enquanto há outros jovens brancos compondo o fundo desfocados, nessa peça os personagens encontram-se em um ambiente de lazer, e a personagem principal é a mulher negra. A segunda peça, é composta por uma mulher negra em destaque, enquanto os outros jovens compõem, ao fundo, o cenário de celebração de formatura em desfoque. Já a última peça difere das demais, pois retrata o personagem

⁴ Reportagem do Jornal Nexo contendo dados que provam a ineficácia da abstinência como método contraceptivo. “Gravidez de jovens: por que defender a abstinência é ineficaz”. Nexo, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/01/06/Gravidez-de-jovens-por-que-defender-abstinencia-e-ineficaz>. Acesso em: 11 jun. 2020



ISSN: 2448-3370

principal sendo um homem branco, que se encontra em um ginásio de esportes. Ao representar as mulheres negras nos cenários propostos, o Ministério reproduz um discurso racista de perpetuação desses corpos em espaços vulneráveis, pois exprimem um processo de decisão em que, para elas, só existem duas alternativas: o acolhimento e aceitação do discurso ou a negação dele, que resultará na perda do lazer, por conta de uma inevitável gravidez indesejada, além de legitimar a culpabilização da gestante, esta que, conforme apresentado, majoritariamente é vítima de violência.

Ao que se trata da última peça, entretanto, o discurso aplica-se de forma diferente. Inferido o celibato como um método contraceptivo falho reconhecido cientificamente, entende-se que esse jovem não optará por esse caminho e ingressará no percurso da sexualidade sem os devidos conhecimentos, tanto ao que diz respeito à gravidez indesejada, quanto à IST's. Dessa forma, a campanha gera o efeito contrário ao que promete primeiramente, pois utiliza-se de uma estratégia ineficaz que gera desconhecimento, e, conseqüentemente, corrobora atos que poderiam ser evitados. Aliás, discussões que, em momento algum, a campanha traz à luz ou sequer permeia mostrando assim quem é o foco, mas não pelo fato de construir um caminho para a diminuição de casos, muito pelo contrário, adotando uma política ineficaz e, principalmente, ratificando estereótipos que uma sociedade racista e preconceituosa tende a perpetuar.

REFERÊNCIAS

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019**. Brasil; 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 7. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LYNCH, Richard A. A Teoria do Poder de Foucault. In: TAYLOR, Dianna (Org.) et.al. **Michel Foucault: Conceitos Fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. P. 23 – 40.